

**William Osborne**

# Os Anjos de Hitler

Tradução

ALYNE AZUMA

**S E G U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © William Osborne, 2012

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Hitler's Angel

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Juliana Moreira

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Osborne, William

O anjo de Hitler / William Osborne ; tradução Alyne Azuma.  
— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Hitler's Angel

ISBN 978-85-65765-14-5

1. Ficção — Literatura juvenil 2. Guerra Mundial, 1939-1945  
— Ficção — Literatura juvenil 3. Guerra Mundial, 1939-1945 —  
Refugiados — Ficção — Literatura juvenil I. Título.

13-04303

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/edoraseguinte](http://www.facebook.com/edoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# 1



Dunquerque, França = 1º de junho de 1940 = 15h06

Os pulmões do garoto ardiam, lágrimas escorriam de seus olhos.

Ele precisava chegar à Inglaterra. Era agora ou nunca. Uma fumaça acre, de pólvora e combustível, se espalhava por toda parte. Ele corria e, toda vez que respirava, sentia uma punhalada no peito. Não podia parar, precisava chegar ao mar, passar pelos veículos em chamas, pelos cadáveres e moribundos estendidos na areia. Mantinha os olhos fixos nas centenas de barcos de todos os formatos e tamanhos que estavam ali ancorados: barcas e veleiros, destróieres e navios de passageiros. Parecia que todas as embarcações da Grã-Bretanha tinham atravessado o canal da Mancha para ajudar seus soldados a fugir do Exército alemão que avançava.

O garoto tropeçou em equipamentos abandonados, mochilas de soldados, caixas de munição e pilhas de armas. E então ouviu o rugido penetrante de aviões se aproximando. Ele se virou. Três aviões de caça Messerschmitt vinham em sua direção e não estavam nem a duzentos metros acima de sua cabeça. Faltava tão pouco. Ele tropeçou e cambaleou enquanto os aviões riscavam o céu. De repente, se deu conta de que havia perdido sua pochete. A pequena bolsa fechada com zíper

guardava sua vida inteira, tudo o que havia conseguido pegar em casa na tarde em que fugira: fotos dos pais e do irmão, a identidade, o passaporte alemão e o que restara de seu dinheiro.

Enquanto disparos de metralhadora levantavam colunas de areia à sua volta, o garoto se ajoelhou e procurou a pochete pela praia. Algo cintilou a alguns metros de distância. Ele rastejou até lá apoiado nos joelhos e cotovelos. Era o relógio de pulso de seu pai, que estava guardado na pochete. Pelo menos isso ele havia encontrado. Todo o resto fora levado pelos nazistas.

Subitamente, ouviu-se uma saraivada de apitos na costa e o som de ordens sobrepondo-se às explosões e aos disparos. Os barcos de resgate estavam partindo. O garoto correu os últimos metros até a água, mergulhando na arrebentação. Outra leva de aviões alemães circundou rumo ao oeste, alinhando-se para o ataque. Ele viu um pequeno barco a vapor com casco verde e friso branco a apenas cinquenta metros, abarrotado de soldados. O capitão, com um casaco de lona e um cachimbo entre os dentes, levantava a âncora.

O garoto correu pela água com dificuldade, até perceber que não dava mais pé. Ele era bom nadador, e a água fria o reanimou. Ele levantou a cabeça para ver onde estava e viu uma nuvem de gás preto sair do barco enquanto o capitão dava a partida nas hélices.

“*Bitte warten Sie!*”, gritou o garoto a plenos pulmões.

Mas eles não ouviram. Não iam esperar por ele. O barco começava a avançar na arrebentação, e o capitão tentava manobrar entre os destroços em chamas de outros barcos naufragados.

O garoto sabia que, se soltasse o relógio do pai, conseguiria ir um pouco mais rápido, mas se recusou a fazê-lo. Era tudo o que havia lhe restado. Em vez disso, ele mergulhou a cabeça na água e bateu os pés com mais força. Precisava continuar. Tinha de conseguir.

Então, seu braço atingiu a lateral do barco, e ele levantou a cabeça. O barco, abarrotado de gente, estava a menos de trinta centímetros acima da superfície da água. Ele agarrou a corda presa à lateral com uma das mãos, tentando respirar, e se deu conta de que estava sendo levado.

Uma onda surgiu na parte da frente da embarcação. Uma bomba. O capitão girou o leme. O garoto achou que seu braço seria arrancado do ombro quando o barco conseguiu atravessar a arrebentação gerada pelo impacto da bomba. A cabeça do menino se chocou contra o casco.

“*Hilfe! Hilf mir!*”, ele gritou.

O garoto sentiu a força de sua mão na corda encharcada diminuir e sabia que não conseguiria se segurar por muito mais tempo. Sua cabeça afundou nas ondas.

De repente, mãos fortes o pegaram pelas axilas, e ele foi içado a bordo. Ele abriu os olhos. Estava deitado de costas no deque, tentando respirar, engasgado. Um grupo de soldados britânicos o olhava de cima. Estavam todos ensanguentados e cheios de curativos. O garoto sentiu cheiro de fumaça de cigarro. Um deles o chutou levemente nas costelas.

“*Hilfe?* Você disse ‘*Hilf mir*’. Por acaso você é alemão?”

O garoto meneou a cabeça e tentou ficar de pé.

“Por favor, eu também estou fugindo de Herr Hitler.” Ele precisava convencê-los a levá-lo. “Vitória para a Inglaterra!”, gritou desesperadamente.

E então revirou os olhos e caiu de bruços sobre o deque.

**Londres, Inglaterra - 1º de junho de 1940 - 16h30**

Uma garota de catorze anos com longos cabelos castanhos colocou a cabeça para fora da janela do passageiro de um carro preto que corria pela Haverstock Hill. Eles seguiam em direção ao centro de Londres. Em grandes letras brancas, lia-se na lataria do carro “Serviço de Transfusão de Sangue”. A garota estava orgulhosa de finalmente estar ajudando na guerra. Ela segurou a maçaneta com uma mão e tocou um enorme sino de bronze com a outra.

“Segure-se”, gritou a motorista, Judy, uma jovem audaciosa de Mill Hill, enquanto o carro passava pela ponte do canal Regent.

Quando um ônibus duplo apareceu bem na frente do carro, as duas deram uma guinada para passar por ele e se depararam com um táxi vindo em direção contrária. A garota do sino fechou os olhos com força e a motorista pisou fundo no acelerador para desviar antes que os dois veículos colidissem. Um policial de trânsito apitava e acenava freneticamente para elas em um cruzamento. A motorista abriu um sorriso de orelha a orelha. Ela tinha acabado de começar a trabalhar na coleta de sangue às quartas-feiras, quando só tinha aula por meio período. Judy era ótima, tinha quase vinte anos e dirigia como se estivesse voando. A garota havia começado o trabalho como uma forma de retribuir os britânicos por salvá-la, mas agora havia se dado conta de que também era muito divertido!

Menos de dez minutos depois, o carro freou na entrada do Hospital St. George, em Hyde Park Corner. A movimentação era caótica, ambulâncias chegando com pessoas feridas, ambulâncias partindo, com os sinos retinindo.

Funcionários do hospital se acotovelavam entre pacientes e visitantes. Soldados fumavam em seus postos de guarda, cercados por sacos de areia. O Palácio de Buckingham ficava próximo dali, por isso o lugar estava cheio de defesas antiaéreas.

A garota deu um salto e correu até a traseira do carro para abrir o porta-malas. Nele havia um grande baú de madeira cheio de gelo e alguns engradados. Ela levantou a tampa. Lá havia trinta garrafas grandes cheias de um líquido vermelho escuro, ainda intactas. Aliviada, a garota habilmente selecionou oito garrafas, encheu dois engradados e atravessou rapidamente a entrada.

“Sangue urgente! Emergência, sangue urgente!”, ela gritava como uma vendedora ambulante, e a multidão do lado de fora se afastou para deixá-la passar.

Alta e clara, sua voz guardava apenas um leve traço de sotaque austríaco.

Lá dentro, uma enfermeira esperava por ela ao lado da sala de cirurgias. “Você demorou”, disse a mulher, parecendo irritada.

“Desculpe”, respondeu a garota, chateada. Ela tinha ido para lá o mais rápido que pôde.

“Não, eu é que peço desculpas”, respondeu a enfermeira, suspirando. “É só que precisamos do sangue com muita urgência.”

Ela pegou os engradados com a garota e empurrou a porta da sala com o quadril. A menina conseguiu ver rapidamente o cirurgião que estava lá dentro. Havia sangue em seu avental de borracha.

“É grave?”, ela sussurrou.

A enfermeira parou na porta.

“Eles estão trazendo os feridos do litoral de trem”, ela explicou, com discrição. “Esse aí perdeu as duas pernas. Ainda assim, acho que isso deve salvá-lo. Nos vemos depois.”

A porta se fechou.

Lá fora, Judy havia virado o carro e estava acelerando, impaciente.

“*Mein Gott*, que confusão aqui”, disse a garota, voltando para seu assento no carro, feliz por estar longe da carnificina do hospital.

“Para onde agora?”, ela perguntou.

“Whitechapel”, respondeu Judy, pisando no acelerador.

O carro voltou para o trânsito.

“Agradeça por não estar em Dunquerque, menina, ou na Áustria. Esses nazistas nos puseram para correr, mas ainda não estamos derrotados. Churchill vai nos salvar. Pode escrever o que estou dizendo.”

## 2



25 de maio de 1941 - Um ano depois

O primeiro-ministro Winston Churchill percorreu rapidamente o caminho que ia do rio Tâmis a Torre de Londres. Ele deveria permanecer incógnito durante a visita, mas, apesar da capa de gabardine bege e do chapéu-coco escuro bem baixo, sua figura era inconfundível. Os guardas vestindo kilt e chapéu de pele de urso que guardavam a entrada da White Tower o saudaram vivamente quando ele se aproximou.

Ao lado de Churchill havia outro homem. Pelo menos vinte anos mais jovem, ele era alto, tinha um nariz grande e o cabelo, já um pouco ralo, era castanho. Tinha olhos acinzentados e olheiras escuras, talvez por falta de sono. Usava um uniforme de almirante da Marinha Real, mas, na verdade, era um membro importantíssimo da LCS, a Seção de Controle de Londres, um departamento encarregado do serviço de inteligência. Tratava-se de um grupo de operações ultrasecreto do primeiro-ministro, dedicado a derrotar Adolf Hitler por meio de ações encobertas.

O almirante mostrou a um dos guardas sua identificação. Pareceu um tanto desnecessário, considerando quem ele estava acompanhando, mas, mesmo assim, o guarda seguiu o protocolo rigidamente e inspe-



cionou o documento com cuidado antes de fazer mais uma vez uma saudação cortês e destrancar a pesada porta de carvalho.

“Bem, MacPherson”, disse Churchill enquanto os dois entravam, “talvez nós possamos encontrar uma maneira de nos beneficiar dessa situação estranha.”

No minuto seguinte, eles estavam em uma pequena antessala com isolamento acústico diante de um espelho falso na parede. Na cela que ficava do outro lado do espelho, um homem de cabelos escuros mancava de uma parede à outra apoiando-se em uma bengala. O cabelo ainda era totalmente preto, raspado nas laterais, e as sobrancelhas, grossas, quase encostavam nos penetrantes olhos azuis. Rudolf Hess, vice-Führer do Terceiro Reich.

O almirante MacPherson não conseguiu conter a estranha sensação de admiração diante do fato de o segundo homem mais poderoso da Alemanha nazista ter voado sozinho de seu país à noite, descido de paraquedas na Escócia e agora estar aprisionado ali na Torre de Londres. De fato, era uma circunstância muito estranha. Aquela chegada inesperada havia chocado não só os ingleses, mas, se a imprensa tinha alguma credibilidade, os alemães também.

Hess havia quebrado o tornozelo quando aterrissara na Escócia, e agora estava engessado. Isso não parecia impedi-lo de andar de um lado a outro e de lançar um olhar ocasional para o espelho com as sobrancelhas franzidas. O homem parecia imerso nos próprios pensamentos.

“Ele está louco?”, Churchill não parecia disposto a perder tempo.

“Achamos que não”, respondeu MacPherson, que havia acabado de ler o relatório do último interrogatório para descobrir os motivos da deserção de Hess.

“Bem, as ideias dele parecem bastante absurdas. Ele pode até ter desertado por não concordar com a invasão de Hitler nos Bálcãs. Mas organizar uma trama para depor o Führer e salvar a própria vida? E essa garota ainda daria início ao plano?”, Churchill balançou a cabeça em desaprovação.

“Eu concordo, parece bastante irracional”, MacPherson deu de ombros. “Mas está claro que ele acreditou ser possível... com a nossa ajuda.”

“Bem, seja qual for o plano mirabolante que o homem inventou, é irrelevante agora. Ele cavou a própria cova e vai ter que se deitar nela. Enquanto isso, a única questão para nós é a criança”, o primeiro-ministro fez uma pausa. “Almirante, o senhor acredita que a criança é mesmo quem ele diz ser?”

MacPherson assentiu.

“Acredito. Nós checamos os fatos com ele diversas vezes. Além disso, Hess não tem por que mentir.”

“Nesse caso, o valor dela é inestimável”, Churchill olhou para a porta. Ele tinha tomado uma decisão. “Venha, MacPherson, temos trabalho a fazer.”

Eles caminharam de volta até o Portão dos Traidores, onde um barco esperava para levar o primeiro-ministro a Westminster.

“Estamos conseguindo manter o paradeiro de Herr Hess em segredo dos agentes de Schellenberg em Londres?”, perguntou Churchill.

“Estou certo disso, primeiro-ministro”, respondeu MacPherson. “Até onde o serviço de segurança alemão sabe, o vice-Führer foi levado daqui para Windsor cinco dias atrás. Temos um bom dublê lá para manter os espões ocupados.”

“Excelente trabalho, almirante.”

“O senhor realmente acha que a garota pode nos ajudar?”, perguntou o militar, quando chegaram até o barco.

Churchill olhou para os balões da barragem antes de responder.

“No mês passado, a Grécia sucumbiu, Creta sucumbiu, o Afrika Korps nos pôs para correr no Deserto Ocidental, então talvez o Egito e os campos de petróleo da Arábia também caiam. Os U-Boats de Hitler estão afundando meio milhão de toneladas de embarcações toda semana no Atlântico, e os nossos aviões estão sendo atingidos no céu mais rápido do que conseguimos construí-los.”

Ele pegou um charuto, rolou-o entre os dedos e prosseguiu: “Não apenas isso, mas os americanos se recusam totalmente a declarar guerra

à Alemanha, então estamos sozinhos. E estamos perdendo, não vamos nos enganar. Ter essa garota vai nos dar a vitória de que tanto precisamos, uma vitória propagandística. Vai levantar o moral para o nosso lado, ganhar o coração e a mente das pessoas decentes na Alemanha e desferir um golpe no Führer que vai tocá-lo fundo”.

“Ele nunca vai deixá-la sair da Alemanha com vida se suspeitar das nossas intenções”, disse MacPherson.

“Então precisamos garantir que ele nem mesmo fareje os nossos planos, almirante. Essa questão é mais do que superconfidencial, deve ficar apenas entre nós. O tempo é curto. Eu presumo que você tenha agentes a postos para entrar em ação imediatamente, certo?”

“Claro, primeiro-ministro”, ele respondeu, sério.

“Que bom. Eu sabia que podia confiar em você.”

Churchill bateu de leve no ombro do almirante e subiu pela prancha de embarque.

MacPherson se despediu do primeiro-ministro, com a mente já em plena atividade.

Ele não tinha agentes a postos. Pelo menos não do tipo de que precisavam. Agentes que falassem alemão eram no mínimo escassos, e os que existiam já eram conhecidos pelo serviço de segurança de Hitler. Agora, ele tinha menos de duas semanas para encontrar e treinar agentes de primeira linha que conseguissem entrar na Alemanha — e sair — com a carga mais preciosa do Reich. Como isso seria possível?



Rutlândia, Inglaterra - 2 de junho de 1941

O garoto corria tão rápido pelo pátio da escola quanto correria pelas areias crivadas de tiros em Dunquerque um ano antes.

Ele chegou à entrada da torre da capela e subiu a escada de pedra de três em três degraus. Não era fácil. Os degraus eram estreitos, gastos no meio, e ele estava usando botas de críquete com tachas, que o faziam escorregar. Também vestia o uniforme branco, cujos joelhos estavam verdes graças a uma defesa desajeitada naquela mesma tarde. O ar estava abafado, e ele transpirava de calor. O garoto alcançou a porta do telhado, acertou o ferrolho com a lateral da mão e ficou sem fôlego diante da dor quando os nós de seus dedos, vermelhos e em carne viva, passaram pela dura porta de madeira. Atrás dele, era possível ouvir os barulhos de outras botas de críquete.

O garoto cambaleou até o telhado da capela. Dali, podia ver a zona rural inglesa, os campos de jogo e o *pitch* de críquete longe, à esquerda. Ele ouviu um grito e se virou. Quatro membros de seu time vinham em sua direção. O capitão, Catchpole, empunhava um taco de críquete.

“Dessa vez eu vou matar você!”, ele disse.

“Me deixe em paz, Catchpole”, respondeu o garoto.

Com o sotaque consideravelmente melhor desde que fora tirado da água em Dunquerque, mais alto e mais magro, ele já era quase um rapaz. Ao chegar à Inglaterra, o garoto disse às autoridades o nome do amigo inglês de seu pai, um professor de química em Cambridge que o cumprimentou com gentileza e o colocou em seu lugar. O homem deve ter achado que estava sendo generoso.

“Por que eu deveria, seu nazista?”, desdenhou Catchpole.

Se havia um insulto que ele odiava mais do que todos, era ser xingado de “nazista”. E eles sabiam disso. O garoto olhou em volta à procura de alguma arma, mas não havia nada à mão. Era lutar ou correr, e como não parecia haver para onde fugir, o jeito era lutar, ainda que soubesse que ia perder. Ainda assim, ele ergueu os punhos e plantou os pés no chão, esperando o ataque. E então ele viu algo atrás dos garotos. Um novo andaime na lateral da torre, com uma corda pendurada. Quando os demais atacaram, o garoto se lançou para a direita e driblou seus perseguidores antes que pudessem se virar e correr atrás dele. Alcançou a ponta da corda e se pendurou no parapeito recortado. O andaime estava a dois metros de distância; o chão lá embaixo, muito mais longe. Ele ia conseguir. O garoto se atirou para atravessar o vão, caiu ruidosamente nas tábuas e agarrou a corda. Ele se virou. Catchpole estava em pé no parapeito, olhando para o vão. Ele não parecia estar com pressa para saltar. O garoto segurou a corda com mais força e se balançou. Ele voou pelos ares como um pirata lançando-se de um navio para o outro, caiu com um baque no telhado do refeitório e avançou até o telhado da escola. Depois, virou-se e saiu correndo cegamente — sem se dar conta da claraboia aberta que havia no caminho...

Com um grito de susto, ele caiu pelo buraco sobre uma enorme mesa redonda e estatelou-se no chão, acompanhado por uma revoada de papéis.

Com o rosto marcado pela dor e tentando respirar, ele olhou para a claraboia lá em cima. Catchpole o observava. O capitão de críquete deslizou lentamente o dedo pela garganta e desapareceu.

“Que sorte você ter caído aqui”, disse o professor Maddox.

O garoto levantou rapidamente e ajeitou o cabelo enquanto a poeira assentava. Ele realmente estava encrocado agora.

“Sabe, seu comportamento continua desafiando todos os padrões de decência inglesa”, continuou o diretor.

Enquanto o professor Maddox falava, o garoto reparou que havia mais alguém no recinto, sentado do outro lado. Um homem alto, magro, com olhos acinzentados e astutos. Ele usava um terno de verão leve e fumava um charuto.

“Peço desculpas, senhor.”

“Endireite a postura quando falar comigo!”, Maddox vociferou, enquanto seus olhos ficavam mais escuros. “Este é o almirante MacPherson, da Marinha Real de Sua Majestade.”

O garoto assumiu a posição de sentido e moveu os olhos até o outro homem.

MacPherson o observava com atenção. “Foi uma entrada e tanto”, disse ele.

Maddox levantou-se da cadeira. “Por incrível que pareça, o almirante tem uma proposta para você.” O diretor não conseguia disfarçar seu desprezo. “Vou dizer mais uma vez, almirante, o garoto é problema na certa”, ele acrescentou em tom ácido.

“É o tipo de que precisamos”, MacPherson respondeu.

“Sim”, disse o garoto. “A resposta é sim.”

Os dois homens lançaram um olhar penetrante para ele.

“O quê?”, perguntou Maddox.

“Para a proposta do almirante, senhor. Minha resposta é sim.”

“Você nem sabe o que ele vai propor, seu garoto tolo!”, disse Maddox, irritado.

“Isso vai me tirar daqui, senhor?”, perguntou o garoto.

MacPherson assentiu. “Sim.”

“Então a resposta é sim.”

“Eu disse que ele era meio abobado. Sinto em informar que sua viagem foi uma perda de tempo, almirante.”

Ignorando o diretor da escola, MacPherson apagou o charuto em um cinzeiro. “Vá se limpar e pegue suas coisas, rapaz. Meu carro está lá fora.”

“Vou fazer isso, senhor.”

O garoto sorriu e olhou para o diretor, esperando para ser dispensado.

Maddox estava vermelho de raiva, mas não havia nada que pudesse fazer.

“Saia”, ele ordenou.

Não foi preciso falar uma segunda vez.

No dormitório, o garoto tirou o uniforme de críquete e vestiu uma camisa cinza de mangas curtas, um paletó escuro, calça cinza e sapatos pretos. E então se enfiou embaixo da cama de metal e levantou a tábua de madeira que havia soltado para usar como esconderijo. Ele botou a mão no buraco e retirou uma pequena lata. Dentro dela, havia uma nota de cinco libras, algumas moedas, o relógio de ouro de seu pai e uma nova identidade britânica. O garoto olhou para o relógio, os ponteiros estavam parados em três horas e vinte.

O dormitório estava quente, abafado e misericordiosamente silencioso. Ele pôs o relógio no bolso do paletó e todo o resto de seus pertences em uma sacola de lona, junto com algumas poucas peças de roupa. Abandonou ali o uniforme da escola.

Quando voltou para o pátio, passou por um grupo de colegas, que zombou dele fazendo a saudação nazista. O garoto os ignorou e continuou andando até chegar ao refeitório. Antes de atravessar pela porta principal, parou para escutar. Os dois times de críquete estavam lá dentro tomando chá. Ele pôde ouvir as vozes e as risadas familiares de seus algozes. Deu uma espiada lá dentro.

“... E então aquele alemãozinho imundo começou a gritar e chamar a mamãe e o papai”, Catchpole estava aumentando a história para deixá-la mais engraçada. “*Mutti, Vati...*” Os demais riram histericamente quando ele levantou da mesa e começou a dar passos de ganso de um lado para o outro, com dois dedos embaixo do nariz imitando o bigode de Hitler. “*Vater, Vater...*” Ele parou de repente quando viu o garoto na porta. O silêncio tomou conta do refeitório.

O garoto atravessou o recinto. “Vim me despedir, Catchpole.”

O garoto acertou um soco no rosto de Catchpole, bem no meio do nariz. Deu até para ouvir o som do osso se partindo. Em seguida, deu meia-volta e andou calmamente até a porta, enquanto os joelhos de Catchpole atingiam o chão de madeira e suas mãos cobriam o rosto para conter o sangue que jorrava do septo quebrado. Os outros jogadores de críquete estavam petrificados.

Assim que chegou ao hall, o garoto saiu correndo em direção à entrada da escola. No minuto seguinte, um bramido de vozes furiosas surgiu de dentro do prédio. Se eles o pegassem agora, seria um homem morto.

O almirante MacPherson estava parado ao lado de um Hudson estacionado na entrada.

Com os sapatos derrapando no cascalho, o garoto parou abruptamente ao lado do militar.

“Estou pronto, senhor”, disse o garoto tentando recuperar o fôlego.

“Só mais um minuto”, respondeu MacPherson, pousando a mão no ombro dele. “Não devemos nos precipitar.”

Atrás deles já dava para ouvir os gritos e urros dos jogadores de críquete.

“De verdade, senhor, minha resposta é sim. Podemos ir?”

O garoto olhava ansiosamente para trás. O grupo enfurecido havia surgido na entrada da escola, a cerca de cinquenta metros dali. Eles uivavam como cães de caça sedentos por sangue.

“O que o governo britânico pede a você”, explicou o almirante, “é perigosíssimo. Na verdade, serei direto, envolve risco de morte.”

A multidão estava muito perto deles. Duas semanas na enfermaria era o mínimo que ele teria de enfrentar por quebrar o nariz de Catchpole. E quando saísse, sua vida seria um inferno.

“Eu entendo, senhor. Entendo mesmo. Podemos ir embora, por favor?”, o garoto estava quase implorando.

“Tem certeza?”, perguntou MacPherson.

A multidão estava a menos de dez metros de distância.



“Sim!”

“Como quiser.”

MacPherson abriu caminho, e o garoto se atirou para dentro do carro. O almirante o seguiu rapidamente e fechou a porta.

“Vá”, ele ordenou ao motorista.

Os pneus do carro arrancaram pelo cascalho quando a multidão os alcançou. O garoto se virou para olhar pelo vidro traseiro. Seus algozes estavam parados, impotentes, cobertos da poeira levantada pelos pneus. Ele levantou dois dedos, fez o famoso gesto da vitória de Churchill e se acomodou no banco de couro, saboreando por um momento o acerto de contas e a fuga bem-sucedida.

“Uma despedida e tanto”, MacPherson comentou secamente.

O garoto levou a mão ao casaco e sentiu o volume do relógio de seu pai. Ainda estava lá.

“O senhor salvou minha vida”, disse ele, com o coração disparado.